

SOBRE PESQUISAS COM JOVENS ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

THINKING ABOUT RESEARCH WITH YOUNG HIGH SCHOOL STUDENTS
SOBRE INVESTIGACIONES CON JÓVENES ESTUDIANTES DE ENSEÑANZA
SECUNDARIA

Nara Vieira Ramos

Doutora em Educação pela UFRGS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM.

Sueli Salva

Doutora em Educação pela UFRGS. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM.

Elisete Medianeira Tomazetti

Doutora em Educação pela USP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM.

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria – RS – Brasil

Endereço:

Av. Roraima nº 1000
Cidade Universitária - Camobi - Santa Maria - RS
CEP: 97105-900

E-mails:

naravr@terra.com.br

susalvaa@gmail.com

elisetem2@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por finalidade apresentar a reflexão suscitada pelo desenvolvimento de uma investigação com jovens estudantes de escolas públicas de Ensino Médio. Procuramos não só analisar, mas ampliar o conhecimento sobre a questão que nos acompanhou durante e após o desenvolvimento da referida pesquisa. Consideramos que é necessário não só conhecer a geração jovem que está na escola, mas desenvolver a habilidade de escuta, antecedida de um olhar sensível, como estratégia para identificar diferentes contextos e direcionar as perguntas de modo que os colaboradores da pesquisa encontrem sentido em dela participar. Agregamos experiências anteriores sobre a pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas*, realizada em 2004-2005. Constatamos a necessidade de um cuidado maior na elaboração e na aplicação dos instrumentos de pesquisa, considerando a invisibilidade de muitos jovens. Assim, os instrumentos de produção dos dados quantitativos utilizados foram o foco da reflexão.

Palavras-chave: Pesquisa Quantitativa. Ensino Médio. Juventudes. Instrumentos de Pesquisa.

Abstract: This paper presents a reflection on a study developed with public high schools students. Our aim is not only to analyze, but to further knowledge on an issue that was present during and after the development of the study. We believe it is necessary not only to have a good

understanding of the young generation that is in school, but also to develop the ability to listen, preceded by a sensitive evaluation, as strategies for identifying different contexts, and to direct questions so that collaborators can find meaning in their participation in the research. We bring together previous experiences based on the project *Brazilian Youth and Democracy – Participation, Spheres, and Public Politics*, carried out from 2004 to 2005. We observed the need for greater care in the creation and application of the research tools, taking into account the invisibility of many young people. The focus of the reflection was, therefore, instruments for the production of the quantitative data.

Keywords: Quantitative Research. High School. Youth. Research Instruments.

Resumen: Este artículo tiene por finalidad presentar la reflexión suscitada por el desarrollo de una investigación con jóvenes estudiantes de escuelas públicas de Enseñanza Secundaria. Intentamos no solo analizar, sino también ampliar el conocimiento sobre la pregunta que nos acompañó durante y después del desarrollo de la mencionada investigación. Consideramos que es necesario no solamente conocer a la generación joven que está en la escuela secundaria, sino además desarrollar la habilidad de escuchar, antecedida por una mirada sensible, como estrategia para identificar diferentes contextos y direccionar las preguntas de modo que los colaboradores de la investigación encuentren un sentido al participar en la misma. Agregamos experiencias anteriores de la investigación *Juventud Brasileña y Democracia – participación, esferas y políticas públicas*, realizada en 2004-2005. Constatamos la necesidad de

un mayor cuidado en la elaboración y en la aplicación de los instrumentos de investigación, considerando la invisibilidad de muchos jóvenes. De esta forma, los instrumentos de producción de datos cuantitativos utilizados fueron el foco de la reflexión.

Palabras clave: Investigación Cuantitativa. Enseñanza Secundaria. Juventudes. Instrumentos de Investigación.

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento de pesquisas nas ciências sociais e humanas, por muito tempo cultivou-se a oposição entre uma dimensão quantitativa e uma dimensão qualitativa das investigações. Hoje, esta dicotomia não mais se sustenta e tem se tornado obsoleta. Todavia, ainda vivenciamos dificuldades na produção de dados de caráter quantitativo, principalmente porque se procura obter número significativo de colaboradores envolvidos nos questionários. Supondo que quanto maior este número, maior será a representatividade e, conseqüentemente, mais confiáveis e fidedignos serão os resultados obtidos.

Na pesquisa *Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas*, realizada nos anos de 2004 e 2005 pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE) em parceria com o Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais (POLIS), aplicaram-se 8.000 questionários a uma amostra de jovens de 15 a 24 anos, moradores em sete regiões metropolitanas e no Distrito Federal. Para este levantamento de dados foi contratada uma empresa especializada, que também fez o processamento dos dados. O questionário utilizado estava organizado em questões sobre o perfil dos jovens em relação à educação, à situação familiar, ao trabalho, à mídia, ao acesso à cultura e também à participação e à cultura política. Cada região recebeu o primeiro processamento e posteriormente foram realizados cruzamentos específicos conforme o interesse da equipe da região em questão.

Quando realizamos, no período de 2008-2010, a pesquisa *Educação e Juventude: Jovens das Escolas Públicas de Ensino Médio de Santa Maria/RS*, a produção dos

dados na etapa quantitativa, em 2009, deu-se por meio da aplicação de um questionário que seguiu o modelo do instrumento utilizado pelo IBASE/POLIS, pois tínhamos a intenção de traçar um perfil socioeconômico familiar e cultural dos jovens que se encontravam nas escolas públicas de Ensino Médio da cidade. A pesquisa foi realizada por amostragem probabilística. A seleção dos jovens para responderem à pesquisa de opinião ocorreu por meio da probabilidade proporcional ao tamanho da amostra, para a qual a medida de tamanho foi o número de jovens de 15 a 24 anos nas escolas. Para a definição da amostra da pesquisa, partimos do levantamento disponibilizado pela 8ª Coordenadoria Regional de Educação de Santa Maria/RS (8ª CRE). Os dados eram referentes ao número de alunos matriculados no Ensino Médio das escolas de Santa Maria no ano de 2006. Optamos por tomar esse ano como referência, pois o censo realizado no período indicava o número de alunos do sexo feminino e masculino. Essa divisão deixou de ser feita a partir de 2007, devido à mudança na forma de coleta de dados realizada pela Coordenadoria.

Na cidade de Santa Maria tínhamos, até a realização da pesquisa, vinte e uma (21) escolas estaduais que ofereciam Ensino Médio, distribuídas nas diferentes regiões da cidade, a saber: Norte, Sul, Leste, Oeste, Centro e Zona Rural. Para realizar a escolha da amostragem das escolas que participariam da pesquisa, agrupamos as instituições por região e fizemos sorteio, porém também foi considerado o público atendido, a diversidade sociocultural e as peculiaridades no atendimento dos jovens alunos (jovens internos na Fundação de Atendimento Sócio-Educativo (FASE), escola de Ensino Médio – Magistério, Escola Rural, Educação de Jovens e Adultos, jovens da periferia e do centro da cidade). A amostra foi de 370 jovens, sendo 165 jovens do sexo masculino e 205 do sexo feminino. Seguimos esta proporção pela representação de meninas nas escolas de ensino médio ser maior.

Após a produção dos dados pelos pesquisadores, foi realizada a digitação em planilha *Excel*, posteriormente encaminhada para processamento pelo programa *Statistical Analysis System (SAS)* versão 9.2, no Departamento de Estatística da UFSM. A partir desse primeiro processamento, solicitamos outros cruzamentos julgados importantes para a etapa quantitativa da investigação.

Para a efetivação desta etapa contamos com a colaboração de estudantes dos cursos de graduação (Pedagogia, Filosofia, Matemática) e do programa de pós-

graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Os estudantes/pesquisadores receberam formação específica para a realização do trabalho de campo – pesquisa de opinião. Esta formação específica teve por finalidade a familiarização dos entrevistadores com os conceitos de juventude, culturas juvenis, ensino médio, entre outros, e com os questionários, a metodologia e os procedimentos éticos desta etapa da pesquisa. Os pesquisadores trabalharam em equipes nas escolas, onde aplicaram os questionários individualmente.

Um questionário piloto foi realizado em ambiente e circunstâncias as mais próximas possíveis das condições reais que seriam encontradas na execução efetiva da pesquisa. A partir desta intervenção, foram corrigidos os problemas verificados no questionário, e os professores pesquisadores realizaram o monitoramento dos trabalhos desenvolvidos pelos estudantes/pesquisadores.

As situações vivenciadas na etapa quantitativa desta pesquisa (a pesquisa de opinião) provocaram algumas dúvidas e desconfortos no momento da aplicação do questionário aos jovens nas diferentes escolas. A partir destas vivências de pesquisa, desenvolvemos, então, a problematização e a reflexão relativas aos instrumentos de pesquisa utilizados na produção dos dados com jovens em diferentes contextos.

Consideramos que a idealização e a realização de uma pesquisa exigem acompanhamento reflexivo, com o intuito de não tornar ingênua a curiosidade dos investigadores, e sim subsidiá-la com uma reflexão crítica.

Produzir uma pesquisa num momento de questionamento intenso dos fundamentos da ciência, em geral, e das ciências sociais, em específico, é um movimento exigente e um exercício constante de revisão e autoconhecimento. (MEINERZ, 2009, p. 71).

O desafio era produzir perguntas que fizessem sentido para os jovens. Não almejavamos com isso uma resposta ‘verdadeira’, mas uma resposta possível de ser dada, que estivesse relacionada às experiências sociais desses sujeitos, ao seu cotidiano. Percebemos que as perguntas descontextualizadas não possibilitavam aos jovens elaborar respostas com sentido. Desse modo, também o processo investigativo dificultou que fossem produzidas explicações plausíveis em um contexto de complexidade. No âmbito das pesquisas em ciências sociais e em educação há um investimento no exercício de interlocução com os métodos quantitativos e qualitativos, com vistas a produzir um tipo de conhecimento que, aliado a outros, possa se converter em instrumento de compreensão dos

conflitos e dos novos problemas que surgem no campo da educação e da vida cotidiana dos jovens.

A vida cotidiana estrutura-se tanto no tempo como no espaço e se insere em uma dimensão social e cultural. De acordo com os autores,

...estou só no mundo de meus sonhos, porém sei que o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros como é para mim. Na realidade não posso existir na vida cotidiana sem interatuar e comunicar-me continuamente com os outros. (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 38).

De acordo com Berger e Luckmann (2005), a realidade da vida cotidiana se organiza ao redor do 'aqui' de meu corpo e no 'agora' do meu presente, mas não se esgota nessa presença imediata, senão em fenômenos que não estão presentes, do ponto de vista tanto espacial como temporal. A realidade da vida social é um mundo intersubjetivo, em que cada um interatua se comunica constantemente com os outros, com outros contextos, com outras realidades.

DA PESQUISA QUANTITATIVA AOS PROCESSOS PARTICIPATIVOS

Na pesquisa *Educação e Juventude: Jovens das Escolas Públicas de Ensino Médio de Santa Maria/RS*, a primeira etapa, pesquisa quantitativa de opinião com utilização de questionário, consistiu em colocar para o grupo representativo dos jovens a ser investigado uma série de perguntas relativas à sua situação social, familiar, profissional, buscando levantar as opiniões dos jovens em relação às questões pessoais e em relação às redes sociais que os envolvem.

Luc Van Campenhoudt e Quivy apresentam alguns objetivos para a utilização deste instrumento de pesquisa:

O conhecimento de uma população enquanto tal: as suas condições e modos de vida, os seus comportamentos, os seus valores ou as suas opiniões; (...). De maneira geral, os casos em que é necessário interrogar um grande número de pessoas e em que se levanta um problema de representatividade. (2008, p. 189).

No caso das pesquisas *Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas públicas* (2004-2005) e *Educação e Juventude: Jovens das Escolas Públicas de Ensino Médio de Santa Maria/RS* (2008-2010), estes dois itens foram contemplados para a utilização deste instrumento de pesquisa. As vantagens deste método são:

A possibilidade de quantificar uma multiplicidade de dados e proceder, por conseguinte, a numerosas análises de correlação; *facto* de a exigência, por vezes essencial, da

representatividade do conjunto dos entrevistados pode ser satisfeita através deste método. É preciso sublinhar, no entanto, que esta representatividade nunca é absoluta, está sempre limitada por uma margem de erro e só tem sentido em relação a certo tipo de perguntas, as que têm sentido para a totalidade da população em questão. (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2008, p. 189).

Quando da execução da pesquisa, nessa etapa, deparamo-nos com um grande mal-estar ao aplicar o questionário, tanto aos jovens da zona rural, como aos jovens infratores internos em unidade da FASE, ex-FEBEM, e aos alunos do Ensino Noturno e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Percebemos que muitas das perguntas eram esvaziadas de sentido para eles. Algumas questões diferem muito nos diferentes contextos sociais: acesso à *internet*; participação em grupos; gosto pela escola; escola com atividade extra; universidade; vestibular; cotas; participação em atividades em meios de comunicação como jornal comunitário, jornal da escola, *fanzine*, produção de vídeos, rádio comunitária, televisão comunitária, atividades relacionadas à cultura e lazer. Para os jovens do meio rural, por exemplo, as quermesses e os bailes se configuravam como atividades de lazer, mas o questionário não contemplava tais alternativas.

Em relação à EJA, foi possível observar a situação de precariedade do ensino que é ofertado àqueles jovens e adultos. Constata-se a negação de um ensino de qualidade a essa parcela da população. Os jovens e os adultos que têm melhor poder aquisitivo estão em escolas do centro da cidade e não da periferia ou da zona rural, para os jovens da FASE, que não têm opção, é somente oferecida a escola existente na unidade de internação. No entanto,

É preciso registrar que, além da forte seletividade que caracteriza o acesso aos níveis pós-escolaridade obrigatória, a realidade dos ensinos médios e superiores se apresenta com fortes segmentações internas e disparidades quanto à qualidade do ensino oferecido em diferentes regiões do país – e mesmo dentro da mesma região – naquilo que se refere à origem social dos alunos matriculados. Simplificando poderíamos definir o sistema educacional brasileiro como sendo a supremacia da lógica das escolas ricas para os ricos e escolas pobres para os pobres. Ou ainda, como comentou o economista Luiz Gonzaga Belluzzo contrariando a teoria do capital humano, que, no Brasil, os pobres não são pobres porque não têm uma educação de qualidade, mas não têm educação de qualidade exatamente por serem pobres. (CARRANO; DAYRELL, 2002, p. 21-22).

Na aplicação do questionário, principalmente na FASE, no Ensino Noturno, na EJA e na escola rural onde estivemos presentes, percebemos a falta de sentido para aqueles jovens das questões mencionadas, principalmente porque não perguntávamos o mais específico de sua situação como alunos daquelas escolas, em seus contextos, mas partíamos do senso comum, da representação

de uma escola igual para todos. Não tivemos o discernimento suficiente, no momento de construção do questionário, dos diferentes tipos de escolas, dos contextos e dos jovens alunos que as frequentavam para estudar e socializarem-se levando seus projetos de vida. As perguntas foram direcionadas, por exemplo, para que relatassem acerca de sua preparação para o vestibular. Avaliamos, posteriormente, que não compreendemos e negligenciamos o fato de muitos jovens não se preocuparem com o vestibular e estarem buscando uma formação que lhes permita pleitear o acesso ao mercado de trabalho.

Consideramos esta situação como uma limitação da pesquisa quantitativa, pois o questionário é um instrumento de caráter fechado, se alguém tivesse sido contratado para realizar a referida pesquisa, não tendo recebido preparo e informações acerca do assunto, tais condições e desconfortos teriam sido inexistentes. No caso da pesquisa "Juventude Brasileira e Democracia – participação, esferas e políticas pública", realizada pelo IBASE/POLIS (2004-2005), em que foram contratadas pessoas para a realização da 1ª fase da pesquisa, na época foi constatada tal situação pelos pesquisadores em Porto Alegre, da fase qualitativa (Grupo de Diálogo), conforme relatório regional Fischer et al. (2006). No momento do contato com os jovens, percebeu-se que os pesquisadores, para atingir a "quota do dia", não respeitaram o fator idade e também em contato telefônico com a família de um jovem, foi constatado que o mesmo tinha problema mental e havia participado da pesquisa por meio de um amigo que respondeu por ele o questionário. Quando falamos com a mãe para que seu filho participasse da 2ª fase, informou sobre a situação do jovem. Outra situação detectada foi de um "jovem" que apareceu para participar de um Grupo de Diálogo na segunda fase da pesquisa e ele tinha 32 anos. O jovem relatou que foi entrevistado no final do dia em uma praça de uma cidade do Rio Grande do Sul, informou sua idade à entrevistadora e, mesmo assim, ele foi entrevistado. Destacamos que a faixa etária da pesquisa abrangia jovens de 15 a 24 anos.

Luc Van Campenhoudt e Quivy apontam limites e problemas do questionário, como:

O peso e o custo geralmente elevado do dispositivo; a superficialidade das respostas, que não permitem a análise de certos processos, na maior parte das vezes, no entanto, esta lacuna está menos ligada ao próprio método do que às fraquezas teóricas e metodológicas daqueles que o aplicam; o caráter relativamente frágil da credibilidade do dispositivo. Para que o método seja digno de confiança devem ser preenchidas várias condições: rigor na escolha da amostra, formulação clara e unívoca das

perguntas, correspondência entre o universo de referência das perguntas e o universo de referência do entrevistado, atmosfera de confiança no momento da administração do questionário, honestidade e consciência profissional dos entrevistadores. Na prática, as principais dificuldades provêm, geralmente, da parte dos entrevistadores, que nem sempre estão suficientemente formados e motivados para efetuarem este trabalho exigente e muitas vezes desencorajador. (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2008, p. 189-190).

As situações apresentadas nos auxiliam a considerar as vantagens e as desvantagens de uma intervenção quantitativa nos moldes de uma pesquisa de opinião. Torna-se necessário salientar a importância, para a realização de diagnósticos, da utilização, além deste tipo de instrumento, de outros que poderiam “cercar” de melhor forma os sujeitos e/ou temas de investigação, complementando o levantamento quantitativo.

Para avançarmos na compreensão e na problematização sobre instrumentos de pesquisa, temos aprofundado estudos sobre metodologias participativas a partir de Villasante (2006), Serrano (2009), entre outros. Estes pesquisadores indicam a necessidade de utilização de vários instrumentos de pesquisa para a produção de um diagnóstico da situação a ser estudada, de modo a produzir dados a partir de diferentes sujeitos da comunidade. Consideram que um dos contextos da comunidade pode ser a escola, mas não o único. Estes autores evidenciam a necessidade de uma aproximação ao campo de investigação, com visitas, passeios pela comunidade, oficinas, entrevistas a pessoas da comunidade escolar, procurando construir relações de confiança para que as pessoas possam se sentir protagonistas e assim forneçam as informações.

Neste caso, ressaltamos que um dos componentes fundamentais nas metodologias participativas é a “escuta”. Conforme Paulo Freire,

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das idéias. Como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos, o bom escutador fala e diz de sua posição com desenvoltura. Precisamente porque *escuta* sua fala discordante, em sendo afirmativa, porque escuta, jamais é autoritária. (1997, p. 135).

O que desejamos é aprender com as diferenças: “é no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo que me encontro com eles ou com elas” (FREIRE, 1997, p. 152). Porém, para podermos

realizar um processo participativo, precisamos iniciar fazendo perguntas básicas: O quê? Como? Por quê? Para quê? E para quem? Estas perguntas compõem o início do desenho criativo utilizado por Villassante (2009) e colaboradores.

A INVISIBILIDADE DOS JOVENS DE DIFERENTES CONTEXTOS NAS PESQUISAS QUANTITATIVAS E ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO

No Brasil, a partir de 1996, o Ensino Médio brasileiro passou a abrigar uma diversidade de alunos oriundos dos mais variados setores da população. Antes deste marco, um número muito menor de jovens chegava até esta etapa do ensino, porque o chamado “primeiro grau” era considerado o final da Educação Básica em nosso país. Em outras palavras, antes da LDB 9394/96, não havia a obrigatoriedade do oferecimento gratuito do Ensino Médio a todos os jovens. Este nível de ensino não era incluído na Educação Básica. Tal situação fazia com que um número significativo de jovens encerrasse seus estudos ao final da oitava série, ou não encontrasse em suas regiões escolas de Ensino Médio para prosseguirem sua escolarização.

Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (Lei nº. 9.394, de 20/12/96, artigo 21), o Ensino Médio tornou-se a etapa final da Educação Básica, e hoje milhares de jovens brasileiros prosseguem seus estudos, ampliando seus conhecimentos acadêmicos e adquirindo, assim, melhores chances de inserção no mercado de trabalho.

Todavia, apesar dessa inegável conquista, a qual permite que jovens de diferentes classes sociais possam estender seus estudos com possibilidades de acesso ao Ensino Superior ou ao mundo do trabalho, as escolas brasileiras continuam atuando como se nada houvesse mudado. De um lado, desconsideram as culturas particulares que cada jovem aluno traz para o universo da escola, com suas diferentes maneiras de dar sentido ao mundo. Parte-se do pressuposto de que todos os jovens alunos ingressantes possuem os mesmos objetivos e anseios diante do ensino. Por seu turno, estes jovens estudantes acabam fazendo desta etapa do ensino apenas um ritual de memorização, pois os conteúdos escolares são apresentados de forma descontextualizada, como se o único objetivo de se estar na escola fosse reter informações para vestibulares ou outras formas de acesso ao Ensino Superior.

Apesar dos avanços, ainda não conhecemos os estudantes e, muitas vezes, ao construir um instrumento de pesquisa, acabamos também negando os diferentes contextos sociais e culturais e negligenciamos os acontecimentos e as condições da vida cotidiana desses jovens. Ou seja, é necessário não só conhecer a geração jovem, como ainda desenvolver a habilidade de escuta, antecedida de um olhar sensível, como estratégia para identificar diferentes contextos e direcionar as perguntas de modo que os sujeitos da pesquisa encontrem sentido em respondê-las.

Apesar do amplo acesso da população jovem ao Ensino Médio, este nível de ensino não está isento da situação de crise que acomete a escola e o ensino – uma crise do sentido do ensino e dos seus objetivos, uma crise que põe em evidência o desafio à autoridade docente e ao seu papel social diante de uma diversidade de estudantes das mais variadas localidades e procedências sociais, culturais e econômicas. Neste contexto, a escola – e mais propriamente o Ensino Médio – não tem conseguido oferecer um ensino que estimule o jovem a aprender e a fazer do espaço escolar um lugar de crescimento também no âmbito de sua socialização e relações. Persistem os problemas de permanência e de sucesso destes jovens na escola.

O Ensino Médio brasileiro, conforme o Parecer nº 15/98, que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais, deveria superar a dualidade entre formação geral e formação profissional e encontrar outras maneiras de selecionar, organizar e tratar o currículo, de forma a propiciar uma formação científico-tecnológica e sócio-histórica a todos os alunos. Com isso, seus alunos estariam aptos a participar da vida social e produtiva, com autonomia intelectual e senso ético (KUENZER, 2001, p. 45).

Entretanto, o Ensino Médio não tem conseguido transformar-se, deixar de ser propedêutico ao Ensino Superior, como sempre foi. Não tem sido sensível aos interesses e às possibilidades dos jovens oriundos das camadas populares que nele têm ingressado.

...as grandes mudanças nos modos de produção, as mudanças na estrutura social e familiar, as transformações no plano das instâncias de produção e difusão de significados (a cultura) afetam profundamente os processos de construção das subjetividades. (FANFANI, 2000, p. 2).

Há estudantes que chegam às escolas sem saberem o porquê de terem de avançar mais três anos na educação formal. E quando buscam junto a professores

dar um sentido para seu ensino ou sua participação na vida escolar, veem-se sem alternativas, já que grande parte dos professores ainda acredita que o Ensino Médio existe somente para preparar o aluno para o Ensino Superior.

Nos últimos anos têm crescido os índices de evasão escolar no Ensino Médio. Muitos alunos chegam a esta etapa do ensino sem, todavia, concluir os últimos três anos da educação básica. Fanfani (2000), entre outros, têm apontado que tal situação denota a crise de sentido desta etapa do ensino, com sua escassez de propostas pedagógicas condizentes com a realidade dos jovens:

Sobretudo, a ausência de sentido da experiência escolar para uma porção significativa de adolescentes e jovens latino-americanos (em especial aqueles que provêm de grupos sociais excluídos e subordinados) que têm dificuldades para ingressar, progredir e se desenvolver em instituições que não foram feitas para eles. (FANFANI, 2000, p. 2).

Há, ainda, a carência de boa formação profissional dos professores. Para Martins (2002), estamos gerando “os excluídos” do sistema, principalmente, pela produção de um sentimento de não pertencimento e pela ausência de identidade comum. Esta situação, para muitos jovens, faz parte do seu dia a dia; “a vivência real da exclusão é constituída por uma multiplicidade de dolorosas experiências cotidianas de privações, de limitações, de anulações e, também, de inclusões enganadoras” (MARTINS, 2002, p. 21).

Quando realizamos as entrevistas na FASE, com jovens infratores que frequentam a escola – direito outorgado pela Constituição Federal de 1988 e também pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1990) –, percebemos o quanto essa escola está longe das necessidades e dos interesses destes jovens. Eles vão à sala de aula por ser uma oportunidade de estar fora da “cela”. Os jovens que responderam ao questionário da pesquisa estavam sob efeito de medicação, não conseguiam se concentrar nas informações que eram dadas para responderem ao questionário. Em face disso, indagamos como estes jovens conseguirão acompanhar uma aula de Matemática, História ou outra qualquer, na situação em que se encontram? Não seria esta uma inclusão enganadora definida pelas políticas públicas?

Também nas escolas de Ensino Médio noturno verificamos situações de jovens que deixaram de ser jovens há muito tempo e que cedo tiveram que assumir compromissos de adultos em suas famílias para dar conta da sobrevivência. Além disso, há um grande número de jovens que migram para a EJA. Percebemos com isso o que Fanfani (2000, p. 2) diz: “tudo parece indicar que todos aqueles que

“chegam tarde” à escola (os adolescentes e jovens excluídos) ingressam em uma instituição que não foi feita para eles e, que, portanto, não cumpre nenhuma função em seus projetos de vida”.

Hoje, o discurso preponderante faz a defesa da “educação permanente ou educação durante toda a vida”, o que implicaria não ter nenhuma criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso fora da série, ano, etapa de ensino, ciclo ou módulo correspondente. No entanto, seria preciso reconhecer que cada um tem um tempo, e esse tempo não é o mesmo para todos. Desta forma, é preciso enfatizar que a escola deve ser pensada para dar conta dos diferentes tempos e ritmos de seus estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa *Educação e Juventude: Jovens das Escolas Públicas de Ensino Médio de Santa Maria/RS*, concluída em 2010, possibilitou à equipe não só conhecer um pouco sobre os jovens e a sua relação com o Ensino Médio nesta cidade, como também desenvolver um processo reflexivo acerca das metodologias utilizadas para a realização das pesquisas com os jovens. Percebemos que o desafio não é apenas possibilitar que os jovens respondam aos instrumentos de investigação, mas, sobretudo, efetuar uma reflexão constante durante todo o desenvolvimento da pesquisa, para que assim se efetive a construção de processos teóricos e empíricos condizentes com os diferentes contextos sociais e culturais vivenciados pelos jovens. Buscamos sempre a possibilidade de os jovens falarem de si, de suas vivências, de suas experiências. Muitas vezes criticamos a escola por estar distante dos interesses dos jovens, mas também percebemos nossa fragilidade na elaboração de instrumentos de pesquisa, que nem sempre se mostram adequados para que o jovem “fale” sobre suas experiências, expectativas, concepções.

Mesmo compreendendo que a cultura juvenil se caracteriza, entre outras coisas, por sua faceta nômade, tentamos perceber como o olhar dos jovens sobre o ambiente escolar amplia ou reduz as possibilidades da própria situação na qual eles se encontram a escola. Nossa impressão quanto à temática pesquisada é que a mesma certamente permite ainda inúmeras reflexões. O desafio está posto, e a necessidade de ampliar o diálogo com os jovens do Ensino Médio

exige a nossa conscientização de que estes não são meros adolescentes, jovens, mas sujeitos e cidadãos.

Ampliar o diálogo, mesmo que o nível médio de escolarização seja entendido como passaporte para o Ensino Superior e/ou para o mundo do trabalho, por exemplo, não elimina o reconhecimento de que os jovens estão na escola “por um fio”, e afirmar isso pressupõe igualmente reconhecer que tal fio é constituído mais pelas convivências entre os pares e por um espaço de manifestação de um tipo de cultura específico do que pelas oportunidades que a escola pode lhes apresentar para “fazer deles alguém na vida”.

Tendo presente que a finalidade do trabalho foi produzir uma reflexão e estabelecer uma compreensão a partir do entrelaçamento dos dados coletados e das fontes bibliográficas disponíveis, procuramos não só analisar, mas, inclusive, ampliar o conhecimento sobre o tema proposto, articulando contexto cultural, social e escolar. Dessa forma, situaram-se diferentes linguagens, na tentativa de fazer uma conexão entre o geral e o particular – próprio da abordagem quantitativa. Contudo, a partir da pesquisa quantitativa, percebemos que essa fase não se reduziu a análises isoladas, divididas ou estanques, mas estava sim rodeada de inúmeras possibilidades de análises, de novos questionamentos, de outras provocações que se constituíam à medida que o trabalho avançava nas reflexões.

Também percebemos que, para melhor cercarmos os problemas de pesquisa em relação à categoria juventude e aos diversos temas que a ela estão ou poderão estar associados (neste caso, o Ensino Médio), precisamos nos debruçar sobre outras formas de levantamento de dados aliados à pesquisa quantitativa. Utilizando técnicas participativas, de acordo com o grupo a ser pesquisado e seus diferentes modos de inserção, então teremos diagnósticos mais representativos da realidade estudada.

REFERÊNCIAS

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº 15/98. Brasília, 1998.

CAMPENHOUDT, L. V.; QUIVY, R. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Trad. João Marques, Maria Amélia Mendes e Maria Carvalho. 5. ed. Portugal: Gradiva, 2008.

CARRANO, P. C; DAYRELL, J. "Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessa de um outro mundo". In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 25ª, 2002, Caxambu (MG), **GT 3 Movimentos Sociais e Educação**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/tp25.htm#gt3>>. Acesso em: 12 jun. 2011. p. 1-15.

FANFANI, E. T. **Culturas jovens e cultura escolar**. Documento apresentado no seminário "Escola Jovem: um novo olhar sobre o ensino médio". Organizado pelo Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Coordenação-Geral do Ensino Médio. Brasília – DF. De 7 a 9 de junho de 2000.

FISCHER, N. et al. Relatório Regional – Porto Alegre. In: **Relatório Global – Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas. Disponível em: <http://www.ibase.br/pt/wp-content/uploads/2011/06/juv-juv-bras-e-democracia-relat%C3%B3rio-final.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

KUENZER, A. Z. (Org.). **Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, J. S. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MEINERZ, C. B. **Adolescentes no pátio**: outra maneira de viver a escola. Porto Alegre: UNIRITTER, 2009.

SERRANO, M. M. **Metodología y técnica participativa**. Barcelona: Editorial UOC, 2009.

SOUZA, R. M. de. **Escola e juventude**: o aprender a aprender. São Paulo: EDUC/PAULUS, 2003.

VILLASANTE, T. et al. **Metodologias participativas – Manual**. Madrid: Observatório Internacional de Ciudadanía y Medio Ambiente Sostenible (CIMAS), 2009.

VILLASANTE, T. **Desbordes creativos**: estilos y estrategias para la transformación social. Madrid: Catarata, 2006.

Artigo recebido em 25/02/2015

Aprovado em 27/05/2015